

Fascismo, ignorância e religião

Por Américo Venâncio Lopes Machado Filho

Nietzsche, em *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*, de 1878, ao refletir sobre a relação entre *governo e religião*, nomeadamente sobre a conservação ou eliminação desta em função do papel institucional daquele, crê, inicialmente como de máxima probabilidade, na sua conservação, já que, para si,

a religião sossega a mente do indivíduo em tempos de perda, de privação, de pavor, de desconfiança, portanto, quando o governo se sente sem condições para fazer diretamente algo para mitigar os sofrimentos da alma do homem privado: e mesmo diante de males gerais, inevitáveis e, de imediato, inelutáveis (fomes, crises monetárias, guerras), a religião assegura um comportamento pacato, paciente, confiante da multidão (NIETZSCHE, 1983, p. 113).

Entretanto, considera, adiante, em seu texto, que

se o Estado não pode mais ele próprio tirar nenhuma utilidade da religião ou se o povo pensa demasiado multiplamente sobre coisas religiosas para permitir ao governo um procedimento homogêneo, unitário, quanto a medidas religiosas — então necessariamente aparecerá como saída tratar a religião como assunto privado e delegá-la à consciência e ao costume de cada um (NIETZSCHE, 1983, p. 113).

Religião é, pois, assunto privado e, *data venia* à proposição de parte da reflexão nietzschiana, jamais deveria ter sido de utilidade a qualquer estado ou governo, pois a heterogeneidade de pensamento não é uma manifestação de um novo homem nem uma criação da contemporaneidade, mas uma propriedade imanente e histórica, conquanto clandestina, que se diga, de toda raça humana. O que permitiu e, infelizmente ainda, permite o uso coercitivo da religião contra as diferentes consciências, hoje e durante todos esses séculos, foi e tem sido o poder da mais fértil mãe, a ignorância.

No Brasil, o governo atual, elegeu-se no esteio da ignorância, arrastando-se sobre motes religiosos como "Deus acima de todos", em detrimento ao ser, porventura, ateu. Pior! Continua operando com base em pressupostos que, se devidamente apropriados e interpretados pelo intelecto humano, poderiam mesmo, em tese, ser considerados legítimos do ponto de vista científico, mas que, paradoxalmente, se revestem, na prática, de vazios retóricos, aos moldes e

preferências fascistas, inobstante toda a beleza que possam efetivamente emanar: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará", do conhecido versículo de João.

Vazio retórico, sim, porque a verdade é, irrefutavelmente, inapreensível em sua totalidade, pois seu registro ou reconhecimento estará sempre condicionado a um ponto de vista, a um olhar, a um método, a um momento, em que se queiram os fenômenos observar. Enfim, em razão de serem os graus de consciência e de cognição o resultado do processo de educação por que inalienavelmente deveriam passar todos os cidadãos em seu processo de socialização, nível até hoje bastante precário no Brasil, em função de sua triste história de escravidão e consequentes alijamento e exclusão sociais, sobretudo dos herdeiros dessa vergonha histórica.

Infelizmente, a alegada verdade desse governo fascista não poderá libertar ninguém, pois é o arremedo desfigurado de um perfil autoritário de algumas castas ignorantes que só veem na exploração do trabalho do outro e na apropriação desse capital o modelo de suas ações no mundo, mas que sempre se esgueiraram na obscuridade de seu comportamento vergonhoso, até que, por mero oportunismo, um político medíocre os pôde democraticamente representar, pela soma total da desinformação, do desconhecimento e das mentiras-verdades que puderam, via *fake news*, substanciar.

O demasiado humano rejeita o fascismo e a ignorância e anseia pelo fim do autoritarismo atual. Quanto à religião é, como antes dito, assunto privado, de foro íntimo, nada com que o Estado possa operar.

NIETZSCHE, Friedrich. Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres. In: _____. *Obras incompletas*. 3 ed. Trad. Rubens Torres Filho. São Paulo: Abril, 1983, p. 83-151.